

## O PROGRAMA DE FAUSTO BARRETO E A GRAMATICOGRAFIA BRASILEIRA OITOCENTISTA

Thiago Zilio-Passerini<sup>1</sup>

Doutorando em Língua Portuguesa (PUC-SP)

### RESUMO

O século XIX foi um período de inúmeras transformações no Brasil. No que tange aos estudos linguísticos, a gramatização se consolidou, e teve início o chamado período científico, de base histórico-comparativa. Do ponto de vista educacional, a escola secundária sofreu algumas mudanças, e o ensino de português passou a ser uma preocupação, em resposta às excessivas horas de latim que constavam do currículo e às práticas pedagógicas adotadas. Nesse cenário, publicou-se, em 1887, o *Programa de Português para os Exames Gerais de Preparatórios*, idealizado por Fausto Barreto. Partindo dessa premissa, o presente artigo tem como objetivo analisar as influências desse documento na produção gramatical brasileira do último quartel do Oitocentos. Para tanto, examinam-se, além dele, a *Grammatica Portuguesa* de João Ribeiro (1889 [1887]), as *Noções de Grammatica Portuguesa*, de Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade (1887), e a *Grammatica Descritiva* (1914 [1895]), de Maximino Maciel. Com isso, pretende-se ressignificá-las no contexto em que foram produzidas, segundo os preceitos da História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 2014 [1992]; FÁVERO; MOLINA, 2006; COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017 [2010]). Os resultados mostram que o documento serviu de base para as gramáticas publicadas posteriormente, desenvolvidas em virtude da ausência de material que contemplasse todos os pontos exigidos.

**Palavras-chave:** Programa de Fausto Barreto. Gramaticografia brasileira. Ensino de português. Século XIX. História das Ideias Linguísticas

### Considerações iniciais

“Nada mais acertado, nada mais methodico; com effeito, como diz Boileau, sem o conhecimento do próprio idioma, ninguém chega a escriptor; tudo, mas mesmo tudo, deve começar pelo estudo da língua vernácula”. Em uma de suas “Procelárias”, Júlio Ribeiro assim se pronuncia, em virtude da publicação do *Programa de Português para os Exames Gerais de Preparatórios*, elaborado por Fausto Barreto. Suas palavras ilustram não só o momento em que o documento foi publicado, como também a sua recepção.

No fim do século XIX, o excesso de horas destinadas ao ensino do latim passou a ser alvo de discussões, em comparação às poucas aulas de língua portuguesa. Ao mesmo tempo, a gramática histórica, em pleno vigor na Europa, começou a se popularizar entre os intelectuais do Brasil. Tudo isso foi decisivo para a publicação do referido Programa, em 1887. Partindo

---

<sup>1</sup> thizilio@yahoo.com

dessa premissa, o objetivo do presente estudo é analisar as influências do documento na produção gramatical brasileira do último quartel do Oitocentos.

Para tanto, examinamos, além dele, a *Grammatica Portugueza* de João Ribeiro (1889 [1887]), as *Noções de Grammatica Portugueza*, de Pacheco da Silva Jr e Lameira de Andrade (1887), e a *Grammatica Descriptiva* (1914 [1895]), de Maximino Maciel. Com isso, pretendemos ressignificá-las no contexto em que foram produzidas, segundo os preceitos da História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 2014 [1992]; FÁVERO; MOLINA, 2006; COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017 [2010]).

Visando à consecução de nosso escopo, o artigo divide-se em cinco partes, além destas considerações iniciais e das considerações finais. Inicialmente, tecemos um breve comentário acerca da História das Ideias Linguísticas; na sequência, tratamos do século XIX, no que tange às ideias linguísticas; em seguida, caracterizamos a situação educacional do país à época, com destaque para o ensino de português; posteriormente, examinamos o Programa de Fausto Barreto, enfatizando alguns de seus aspectos inovadores; por fim, analisamos três gramáticas posteriores à publicação do documento, com vistas a destacar de que modo ele aparece direta ou indiretamente nessas obras.

### **História das Ideias Linguísticas**

Para compreender a História das Ideias Linguísticas, é necessário considerar, a princípio, dois termos a ela relacionados. O primeiro concerne à *história*, entendida como uma nova abordagem, que visa não apenas a recontar o passado, mas também a reinterpretá-lo e ressignificá-lo, estabelecendo um diálogo com o presente. Trata-se, portanto, de uma visão que vai de encontro à concepção tradicional de história como cronologia ou sucessão de fatos relevantes, estabelecidos ao longo do tempo. Segundo Fávero e Molina (2006, p. 19, grifo das autoras), o “objetivo dessa diferente percepção não é, de acordo com Febvre (s/d:30), apenas reconstituir o passado, mas alargar horizontes, *ligar ideias e métodos*, reconstruí-lo, fechando fendas”.

O segundo termo relaciona-se justamente às ideias mencionadas pelas autoras. De acordo com Colombat, Fournier e Puech (2017 [2010]), quando se estudam *ideias linguísticas*, levam-se em conta as diferentes nuances do saber construído sobre a linguagem e as línguas, afastando-se da tendência de focalizar apenas as ditas *teorias*, balizadas por uma concepção de ciência que emerge a partir do Setecentos. Desse modo, todo e qualquer conhecimento

produzido pelo homem acerca de fatos linguísticos ao longo dos séculos interessa a essa nova abordagem histórica.

Com relação ao método, Auroux (2014 [1992]) estabelece três princípios que devem nortear o trabalho do historiador: a definição puramente fenomenológica do objeto; a neutralidade epistemológica e o historicismo moderado. Quanto ao primeiro, o teórico delinea claramente o escopo dos estudos, ou seja, os saberes construídos em torno da linguagem e das línguas. No que concerne ao segundo, deve-se evitar qualquer tipo de juízo de valor sobre o que se considera ou não ciência, no âmbito dos estudos linguísticos. Por fim, o terceiro princípio refere-se ao fato de não buscar apenas diversidade entre os saberes, mas também recorrer a analogias “que afetam a relação entre as situações cognitivas e a realidade dos fenômenos” (AUROUX, 2014 [1992], p.15).

O autor também alude à necessidade de se estabelecer um horizonte de retrospectção e um horizonte de projeção na pesquisa histórica. Em suas palavras,

Porque é ilimitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectção (Auroux, 1987b), assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina, o idealiza, do mesmo modo que antecipa sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber (AUROUX, 2014 [1992], p. 12).

Em linhas gerais, esses princípios orientam a análise documental e norteiam o historiador no processo de reconstrução e ressignificação dos saberes linguísticos. Fávero e Molina (2006, p. 28) destacam, ainda, quatro pontos que precisam ser levados em conta, a saber: a interpretação do documento no contexto em que foi concebido; a distância entre o estudioso e as personagens produtoras de conhecimento selecionadas; a recuperação do contexto no qual as obras circularam e, por fim, os autores que produziram os saberes linguísticos.

Uma vez apresentadas as bases teórico-metodológicas que fundamentam este trabalho, passamos a um breve retrospecto das principais ideias linguísticas do século XIX. Elas são de grande valia para que possamos compreender o Programa de Fausto Barreto em seu contexto de produção e circulação

### **Breve retrospecto das ideias linguísticas oitocentistas**

O século XIX foi um período de inúmeras mudanças no Brasil. No que concerne aos estudos linguísticos, definiram-se as principais linhas-mestras que orientaram o pensamento dos eruditos da época e, conseqüentemente, influenciaram a produção do período.

Com a fundação da Imprensa Nacional, o processo de gramatização se consolidou e, de acordo com Fávero e Molina (2006), pode ser dividido em dois momentos. No primeiro, cujo marco é o *Epítome da Grammatica Portugueza*, de Antônio de Moraes Silva, as produções se baseavam nos princípios da chamada gramática geral e filosófica<sup>2</sup>. No segundo, cujo divisor é a *Grammatica Portugueza*, de Júlio Ribeiro, as obras se pautavam pelos princípios histórico-comparativos.

Estas últimas são fruto da chegada dos ideais da gramática histórica ao país, por intermédio de autores como Leite de Vasconcellos e Adolfo Coelho. Com isso, temas como a dialeção do português passaram a fazer parte da agenda dos nossos gramáticos, embora “a própria matéria em pauta, isto é, a existência de um *dialeto* ou de uma *língua* própria do Brasil, não tenha levado ninguém a pesquisar teoricamente o assunto para conceituar os termos e assim fundamentar sua posição” (PINTO, 1978, XLVII).

Paralelamente, despontavam estudos sobre as particularidades da língua aqui falada, muito embora não se assumisse exatamente a existência de um “português brasileiro”. *Grosso modo*, distinguem-se duas vertentes: uma que defendia a unidade linguística, apesar de reconhecer algumas diferenças entre o português do Brasil e de Portugal, e outra que propugnava certa autonomia para o português brasileiro. No entanto, “nem mesmo os defensores dessa segunda visão tinham uma posição definida sobre os limites dessa autonomia, e seu discurso oscilava entre a subserviência à gramática e a aceitação dos chamados *brasileirismos*” (ZILIO-PASSERINI, 2020, s/p, grifo do autor).

Outra característica relevante é o purismo, talvez como reflexo do nacionalismo tardio, intensificado principalmente no último quartel do Oitocentos, conforme assinala Pinto (1978). Nesse cenário, também se destacaram as polêmicas linguísticas, protagonizadas por autores brasileiros e portugueses, cuja temática era ligada principalmente a neologismos, estrangeirismos e questões normativas, como ocorreu na contenda entre José de Alencar e Pinheiro Chagas.

---

<sup>2</sup> À guisa de esclarecimento, vale ressaltar que as origens da gramática geral e filosófica remontam à Idade Média, quando se organizaram duas principais vertentes: a gramática especulativa, que investigava os princípios universais que regiam as línguas, e a gramática positiva, que se ocupava de detalhes de uma língua específica (WEEDWOOD, 2006). No século XVII, os estudos gerais ganharam força, sobretudo com a publicação da *Grammaire générale et raisonnée*, também conhecida como *Gramática de Port-Royal*. Esse modelo influenciou em grande medida as produções dos gramáticos até, pelo menos, 1881.

O prescritivismo também se manteve em voga, apesar da pujança dos estudos de natureza histórico-comparativa. Fato curioso é que o sentimento nacionalista, que motivou reações de gramáticos contra termos estrangeiros, não foi capaz de levar os estudiosos à assunção de uma identidade linguística eminentemente nacional, já que os “erros” apontados eram “combatidos” com a norma, fixada em padrões lusitanos. Uma das razões dessa atitude certamente foi o projeto de construção de um país nos moldes do Velho Mundo, sobretudo após a abolição, quando se intensificou a captação de mão de obra advinda da Europa, em vez de inserir na sociedade os escravizados recém-libertos.

Em linhas gerais, essas são as principais tendências observadas no século XIX, no que tange aos estudos linguísticos desenvolvidos no Brasil. Outros aspectos certamente mereceriam destaque, contudo esses são os que consideramos mais relevantes, tendo em vista o foco do estudo aqui desenvolvido.

### **A educação no pós-independência e o ensino de português**

Com relação ao ensino, Piletti (2006) afirma que a educação primária pouco se desenvolveu. Embora a Constituição de 1824 preconizasse que esse nível de instrução seria gratuito a todos, na prática, a responsabilidade cabia às províncias, que dispunham de poucos recursos. Ademais, ele não era obrigatório para o ingresso no curso secundário e, por isso, não havia tanto incentivo ao estudo das primeiras letras. Sobre o ensino secundário, o sistema de aulas avulsas continuou. Entretanto, elas passaram a ser ministradas nos chamados liceus provinciais, criados para tal finalidade. Nas palavras do autor: "Sua preocupação predominante era oferecer aos alunos as disciplinas exigidas nos exames de preparatórios para o ingresso no ensino superior" (PILETTI, 2006, p. 46). Vale ressaltar que esta última modalidade ficava a cargo do poder central.

Os primeiros liceus foram o Ateneu do Rio Grande do Norte, fundado em 1835, e os liceus da Bahia e da Paraíba, criados no ano seguinte. No Rio de Janeiro, em 1837, o Seminário de São Joaquim converteu-se num estabelecimento de ensino secundário que, ao contrário dos demais, era mantido pelo poder central, denominado Colégio de Pedro II. Segundo Azevedo (1963, p. 570), o intuito dessa instituição era ensinar "[...] as línguas latina, grega, francesa e inglesa, retórica e os princípios de geografia, história, filosofia, zoologia, mineralogia, botânica, química, física, álgebra, geometria e astronomia".

Nos anos seguintes, o Colégio passou por sucessivas reformas curriculares. Dentre elas, destacamos a de 1838, na qual se dedicou uma parte relativamente considerável ao ensino das matemáticas, das ciências físicas, da geografia e da história natural, e a de 1841. Nesta última,

[...] além das línguas antigas e modernas [...] não se ensinavam senão o desenho, a geografia e a música; o estudo de gramática geral e nacional só figura no 1º ano; as matemáticas e as ciências físicas, químicas e naturais amontoam-se nos três últimos, enquanto o grego é ensinado em quatro, e o latim, o francês e o inglês se estendem pelos sete anos, apresentando latim maior número de lições do que quaisquer outras disciplinas (AZEVEDO, 1963, p.571)

Como vemos, apesar das primeiras reformas, o ensino de latim se sobrepuja às demais disciplinas, inclusive à gramática geral e nacional, que só figurava especificamente no primeiro ano. Entretanto, a situação passou a se modificar em 1856, com a proposta dos primeiros programas de ensino. De acordo com Fávero (2009, p. 23), “para a disciplina gramática geral e nacional, o aluno, depois de algumas aulas de gramática geral, deveria aperfeiçoar-se na Gramática da Língua Portuguesa”. No ano seguinte, ocorreram novas mudanças: a disciplina passou a se chamar Português e a dispor de um programa específico.

Ainda conforme a autora, os programas passaram por outras modificações. Mais especificamente, houve alterações em 1858, 1862, 1877, 1878 e 1882. As razões eram, sobretudo, as duras críticas que os intelectuais da época teciam aos conteúdos contemplados, bem como à forma como eram desenvolvidos. Por conseguinte,

[...] e, nessa última [reforma, de 1882], uma comissão nomeada pela Câmara dos Deputados para examiná-la, apresentou um parecer redigido por Rui Barbosa, discutindo questões pedagógicas e sociais.

Rui Barbosa, munido de ampla documentação — parte de Bréal, Bain, Max Muller, Whitney, Brachet e outros — e seguindo os princípios do evolucionismo aplicados à língua, segundo os quais a língua é um organismo vivo, se insurge contra o ensino da gramática como até então praticado (FÁVERO, 2009, p. 24).

Em 1887, Emíldio Victório, o Diretor Geral da Instrução Pública, determinou que todos os currículos fossem revistos. Segundo Fávero (2009), “os olhares dos lentes catedráticos daquele estabelecimento começaram a direcionar-se de forma mais atenta aos ditos programas”. Nesse contexto, Fausto Barreto formulou o Programa de português<sup>3</sup>, com vistas a padronizar os estudos em todo o Brasil. A seguir, ocupamo-nos do documento em questão.

---

<sup>3</sup> À guisa de esclarecimento, informamos que o autor também elaborou os programas de inglês e francês.

## O Programa de Fausto Barreto

Acerca do documento, utilizamos a versão encontrada nas *Procellarias* de Júlio Ribeiro<sup>4</sup>. O livro é uma coletânea de 11 artigos publicados originalmente no periódico intitulado *A procellaria*, que circulou no ano de 1887, provavelmente de janeiro a maio<sup>5</sup>. Em um desses textos, mais precisamente no de 17 de abril, o autor fez uma análise do Programa recém-publicado.

Fausto Barreto era natural do Ceará, onde chegou a iniciar seus estudos preparatórios, concluídos no Rio de Janeiro. Ingressou no curso de Medicina em 1874, que deixou para se dedicar ao magistério, inicialmente como professor livre de latim, inglês, francês e português. Desta última disciplina, tornou-se professor no Colégio Pedro II, após ser aprovado com distinção em dois concursos. Destacou-se como gramático e, entre suas obras, encontra-se a *Anthologia nacional*, produzida em parceria com Carlos de Laet, que contou com diversas edições (STUDART, 1910, p. 252-254)

A primeira disposição do Programa refere-se à precedência do exame de português, em relação aos demais. Na sequência, mencionam-se as provas oral e escrita, considerando que a primeira consistiria “em uma composição livre sobre assumpto que a sorte designar dentre os pontos organizados diariamente pela comissão julgadora” (*in* RIBEIRO, s/d [1887], p. 86). Com relação à segunda, ela seria composta de uma “analyse phonetica, etymologica e syntaxica de um trecho de extensão razoável [...]”, bem como “[...] da exposição de um dos pontos grammaticaes seguintes, também sorteados na fórmula das disposições regulamentares” (p. 86).

Os pontos definidos pelo autor perfazem um total de 46 temas, dos quais selecionamos alguns para o presente estudo. Logo no primeiro tópico, Barreto enumera:

1. – Observações geraes sobre o que se entende por grammatica geral, por grammatica historica ou comparativa e por grammatica descriptiva ou expositiva. Objecto da grammatica portugueza e divisão do seu estudo. Phonologia: os sons e as letras; vogaes; grupos vocalicos; consoantes; grupos consonantae; syllaba; grupos syllabicos; vocabulos; notações léxicas (*in* RIBEIRO, s/d [1887], p.87-88).

Desse trecho, salientamos a alusão à gramática histórica, o que comprova a influência dos estudos histórico-comparativos, em voga na ocasião. Vale ressaltar que o autor já se

<sup>4</sup> Em nossa pesquisa, apuramos a existência de um livreto com os programas, que data de 1888.

<sup>5</sup> Segundo consta da hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/periodicos/item/102643-a-procelaria.html>. Acesso em 27 nov. 2021.

interessava por essa vertente antes mesmo da publicação da gramática de Júlio Ribeiro, em 1881. Para Fávero (2015 [s/p]), Fausto Barreto “[...] é o primeiro a refletir as ideias de Bopp e a considerar as línguas organismos naturais, independentes da vontade do homem”.

O próprio Ribeiro (s/d [1887], p. 92) salienta que o documento estava “[...] organizado cientificamente, sobre as bases largas, solidas, da sciencia da linguagem [...]”, ou seja, foi escrito de acordo com os ideais em voga na ocasião. Por isso, o gramático enfatiza que o Programa estava em conformidade com os princípios de sua obra, publicada alguns anos antes:

Si fomos vaidoso, era esta hora de rejubilar: o programma de Portuguez, bem como os de todas as outras linguas que se ensinam officialmente no Brasil, está de accordo exacto, perfeito com os principios da grammatica scientifica, que, em 1881, tivemos a ousadia de arrojá á publicidade (p.93).

Apesar das similitudes, há pontos de divergência entre ambos, sobretudo no que concerne à nomenclatura utilizada. Como exemplo, citamos a distinção que Ribeiro faz, na primeira parte de sua *Grammatica Portugueza* (1885 [1881]), à *lexeologia*, subdividida em *phonetica* e *morfologia*. Isso não ocorre no Programa, do qual constam apenas os dois últimos termos.

Com relação aos aspectos fonéticos, mais uma vez, Júlio Ribeiro (s/d [1887], p. 92) comenta o pioneirismo do documento: “A *ortographia* não é mais considerada irracionalmente como uma divisão autônoma da *grammatica*; é tida como o que ella de facto é, como uma parte da *phonologia*”. Esse posicionamento também já se nota na gramática de Ribeiro, na qual ele trata da ortografia na seção dedicada à fonologia.

Outros aspectos merecem destaque, sobretudo no que se refere à questão dos brasileirismos e do dialeto. O ponto 44 faz a seguinte indicação de estudo: “Das anomalias grammaticas: idiomatismos; provincialismos; brasileirismos e dialeto”. Sobre isso, Coelho e Danna (2015, p. 218) afirmam:

Esse programa [...] previa, explicitamente, o exame de ‘brasileirismos’ e de fenômenos como a ‘dialeção’ da língua portuguesa, ao lado do exame de ‘vícios’ de linguagem. Assim, os gramáticos, por um lado, se viram compelidos a tratar do que ocorria com a língua portuguesa no Brasil a sua época; por outro lado, adotaram o viés oferecido na organização do programa oficial: o de localização das especificidades do PB às margens do corpo principal das gramáticas, em seções quase sempre destinadas à correção da fala considerada vulgar, familiar, arcaica, errada [...]

As autoras ressaltam duas características do contexto: o início do exame de algumas particularidades do português brasileiro e o fato de elas não serem vistas como traços

identitários propriamente ditos, mas sim, usos inadequados, arcaicos, informais. Como dissemos anteriormente, embora se assumissem as *peculiaridades* do português do Brasil, sobretudo em comparação às encontradas no português de Portugal, isso não significava que tais usos fossem aceitos. Na verdade, tratava-se de “[...] simples registro de uma outra realidade à margem da língua oficial” (PINTO, 1978, XXXVII).

Essa postura se deve, em grande medida, ao purismo que recrudescer no último quartel do século XIX e não se restringia à questão dos chamados neologismos que os autores da época passaram a introduzir na literatura. “Considerados guardiães da vernacularidade, aos escritores cabia o dever de expurgar as características da fala popular, *peculiaridades* de sabor folclórico e sinônimo de ignorância da língua, como pretendiam *João Ribeiro* e *Rui Barbosa*” (PINTO, 1978, XXXVII, grifos da autora).

Ademais, é necessário ressaltar a menção que Fausto Barreto faz ao “dialecto”, assunto de relevo entre os estudiosos brasileiros do Oitocentos. De acordo com Pinto (1978), apesar de a discussão já ter arrefecido ao fim do século XIX, não se chegou a um denominador comum. No entanto, ela também se ligava consideravelmente à questão das peculiaridades, uma vez que

O ponto de confluência [...] situa-se, pois, na *fala popular* que, [...] pode ser tida como *dialecto* [...] Assim, como era justamente na *fala popular* que se iam procurar os argumentos para comprovar a existência do *dialecto brasileiro*; e como os pesquisadores se satisfaziam com um bom acervo de unidades lexicais, o resultado lhes parecia altamente positivo [...] (PINTO, 1978, LVI, grifos da autora).

Apresentadas algumas ideias que perpassam o Programa de Fausto Barreto, passamos ao exame da aceitação desse documento pelos intelectuais da época, fato relevante para a gramaticografia brasileira do fim do século XIX.

### **As influências do Programa na gramaticografia oitocentista**

Nas palavras de Coelho e Dana (2015, p. 218, grifo das autoras), “os esforços na direção da organização de um sistema de educação no país (no caso do ensino de língua, visando justamente à difusão de formas mais ilustradas e menos naturais de falar) ensejaram a elaboração do *programa de ensino de português* de Fausto Barreto”. Por essa razão, o documento repercutiu de forma relativamente positiva entre muitos intelectuais da época, que viam nele a oportunidade de chegar aos seus objetivos de ensino do português.

De acordo com Guimarães (1996)<sup>6</sup>,

Este programa [...] motiva o aparecimento de várias gramáticas no curso de gramatização brasileira do português. São deste momento, sem dúvida decisivo neste processo da gramatização, as gramáticas de Alfredo Gomes, João Ribeiro e Pacheco Silva e Lameira de Andrade, “pelas quais, segundo palavras de A. Nascentes, tantas gerações aprenderam”.

É possível constatar a aceitação do documento já no artigo de Júlio Ribeiro, pois, como vimos, ele se dirige de forma elogiosa ao trabalho, considerando-o adequado ao ensino. Em suas palavras, “[...] nada de superafetações scholasticas, nada de metaphysica medieval: quer-se o que se deve querer; exige-se o que se deve exigir” (RIBEIRO, s/d [1887], p. 93). Além disso, afirma que não havia, até aquele momento<sup>7</sup>, outras gramáticas capazes de pôr em prática as orientações, que não a sua:

Hoje abundam em Portuguese monografias lingüísticas valiosissimas; temos a primeira parte da monumental grammatica histórica de Pacheco Júnior; Adolpho Coelho, Leite de Vasconcellos, João Ribeiro, Fausto Barreto, Lameira de Andrade brilham como astros de primeira grandeza no céu da nossa philologia: mas, ainda assim, é a nossa Grammatica a *única* grammatica por onde se possa preparar um alumno para enfrentar com o actual programma de exames (RIBEIRO, s/d [1887], p. 93-94).

No entanto, em setembro daquele mesmo ano<sup>8</sup>, ou seja, dois meses antes dos exames oficiais, vem a lume a *Grammatica Portuguesa* de João Ribeiro. Segundo Fávero e Molina (2006, p. 163), ela “[...] está calcada no programa traçado por Fausto Barreto e foi adotada, alguns anos após sua publicação, pelos professores do Colégio Pedro II. Teve inúmeras edições, muitas delas revistas e ampliadas pelo autor, como a 10<sup>a</sup>, a 12<sup>a</sup> e a 25<sup>a</sup>”.

O próprio autor informa que a primeira edição teria se esgotado em pouco mais de quatro meses após a publicação e, dentre as causas, aponta a “exaggerada benevolencia dos nossos mais abalisados criticos” (RIBEIRO, 1889, p. 324), tais como Carlos de Laet, Capistrano de Abreu e Sylvio Romero. Esse reconhecimento se dá, em grande medida, pelo fato de a obra se fundamentar no documento, de grande repercussão à época.

Já no índice, notamos que os 46 itens do Programa são contemplados. Há também um subtítulo, no qual se mencionam os “Pontos de Portuguese”, assim designados no texto de Barreto. A seguir, transcrevemos o primeiro deles:

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos\\_03.html](https://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_03.html). Acesso em: 27 nov. 2021.

<sup>7</sup> Ou seja, até 17 de abril de 1887, quando o artigo foi publicado.

<sup>8</sup> Conforme consta da nota dos editores da terceira edição, de 1889, utilizada no presente estudo.

1.—Observações geraes sobre o que se entende por grammatica geral, por grammatica historica ou comparativa e por grammatica descriptiva ou expositiva. Objecto da grammatica portugueza e divisão do seu estudo. Phonologia: os sons e as letras; classificação dos sons e das letras ; vogaes : grupos vocalicos: consoantes, grupos consonantes ; syllabas; grupos syllabicos ; vocabulo ; notações léxicas (RIBEIRO, 1889 [1887], I).

Ao compararmos esse trecho ao primeiro ponto por nós discutido quando nos ocupamos do Programa, verificamos que o texto tem poucas alterações. Outro fato que comprova a consonância entre a gramática e o documento são as menções diretas a ele, feitas em algumas notas de rodapé, mais precisamente:

- a) À pagina 127: “ (1) Pessoalmente opino que os *determinativos* não devem ser considerados *pronomes*. Mas occupo-me delles neste lugar por não ser bastante explícito o *programma*”, em referência ao ponto 15 do Programa, que trata da flexão dos nomes, do pronome e da declinação dos pronomes pessoais;
- b) À página 210: “ (1) No *latim barbaro* ocorrem alterações phoneticas, derivações, alterações morphicas, das quaes não nos ocuparemos por não ser materia exigida pelo *programma*”, em referência ao ponto 29, que versa sobre a sintaxe em geral, do latim ao português;
- c) À página 290: “ (1) Suppomos ser *expletivas*, as partículas que o programa denomina de REALCE”, em referência ao ponto 42, que concerne às figuras de sintaxe e das partículas de realce.

Outra obra lançada ainda em 1887 são as *Noções de Grammatica Portugueza*, de Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade, cujo subtítulo indica que a publicação estava “de accordo com o programma official para os exames geraes de preparatorios do corrente ano”. Logo na terceira página, os autores esclarecem essa adequação:

Tínhamos emprehendido escrever uma grammatica completa da língua portugueza, rompendo em lucta a tradição, e fazíamos fundamento de entregal-a em breve á publicidade. O novo programma para os exames geraes de preparatórios, porem, veio fazer-nos mudar do propósito. E’ que muitos dos pontos nelle exigidos. para os exames de portuguez não se encontrando nas grammaticas que por ahí correm impressas, e os alumnos não tendo fontes onde possam haurir a instrucção de que carecem, resolvemos vir ainda uma vez em auxilio da mocidade estudiosa (SILVA JÚNIOR; ANDRADE, 1887, p. 3).

Em seguida, enfatizam a urgência da publicação, o que justificaria possíveis problemas:

Não apresentamos este trabalho como merecedor de gabos de excellente, nem no intuito de nos revelarmos professores de sciencia jubilada. O tempo urgia;

bosquejamos apenas o assumpto. Nem sempre o nosso parecer coincidiu com a indicação do programma official ; seguimos todavia, para maior segurança dos viajantes novéis, o roteiro apresentado pelo governo (SILVA JÚNIOR; ANDRADE, 1887, p.3).

Merece destaque a observação feita ao fim do excerto, na qual os gramáticos sinalizam que nem sempre seu “parecer coincidiu com a indicação do programma official”, embora tivessem mantido a sequência por ele preconizada. Tal afirmação revela que a pertinência do Programa não era unanimidade, apesar de sua influência inegável sobre as obras produzidas posteriormente. Isso se verifica na sequência da apresentação, em que os autores mencionam a dificuldade de dosar os conteúdos. Para endossar seu ponto de vista, recorrem a Alberto Brandão, professor de renome à época:

A grande dificuldade com que vão arcar os professores é a dosagem, porquanto, como disse Michel Bréal, não ha methodo mais perigoso do que o histórico, quando mal applicado, e os autores do livro a apparecer têm de pôr de parte a vaidade natural aos que muito estudam para formularem um livro modesto e compreendido pelos que começam a estudar.

E isso, parece, ficará de accôrdo com os organizadores do programma, que devem saber que muitos dos pontos exigidos só poderiam ser tratados em theses, não de exames de preparatórios, mas de concurso no imperial collegio (in SILVA JÚNIOR; ANDRADE, 1887, p. 4).

Brandão adverte os professores cuja missão seria formular gramáticas conforme o Programa, no sentido de não as tornar ininteligíveis ao público-alvo, dada a complexidade do método histórico. Dito isso, o pedagogo não deixa de assinalar aquilo que, a seu ver, seriam inadequações de alguns conteúdos, dignos de ser tratados não em “exames de preparatórios, mas de concurso no imperial collegio”.

O último manual a que fazemos referência é a *Grammatica Analytica*, de Maximino Maciel. Conforme assinalam Fávero e Molina (2006, p. 174), a primeira edição também foi publicada em 1887 “e refeita em 1894 com o título de *Grammatica Descriptiva*, com boa aceitação: adotada no Colégio Pedro II nos anos de 1892, 1893, 1896, teve edições até 1931”.

Neste estudo, valemo-nos da 5ª edição, de 1914, aumentada e refundida. Dela consta o prefácio da segunda edição, de 1894, em que Maciel faz referências à publicação de 1887. Em suas palavras,

Em 1887, embora no verdor dos nossos annos, publicámos o nosso primeiro trabalho – GRAMMATICA ANALYTICA – em que, baseando-nos nas doutrinas modernas, concorremos de algum modo para romper com a velha tradição, quebrando os antigos moldes em que se vasava a grammaticographia (MACIEL, 1914 [1894], p. V).

Apesar de não haver menção direta ao Programa nesse momento, as palavras de Maciel são o testemunho do período, sobretudo no que concerne ao objetivo de “romper com a velha tradição”. Segundo Guimarães (1996)<sup>9</sup>, a “[...] posição de Maximino já dá conta de uma intensa produção de estudos do português no Brasil, entre eles de um conjunto de gramáticas que se fizeram a partir dos anos 80 do século XIX”.

Nessa mesma edição, há o “Breve retrospecto sobre o ensino da Lingua Portugueza”, publicado originalmente na edição de 1910. Ainda de acordo com Guimarães (1996), Maximino Maciel “é considerado o primeiro que escreveu sobre a história dos estudos do Português no Brasil”. O texto traz informações de grande valia sobre o impacto do Programa, bem como o estado da arte dos estudos até então empreendidos pelos gramáticos. Sobre esse último, o autor assim se manifesta:

De facto, a orientação e o methodo que nos norteavam no aprendizado das línguas, nol-os dictavam os antigos grammaticos portuguezes Soares Barbosa, Bento J. de Oliveira, Lage e outros.

Conquanto tambem trabalhos nossos houvesse de certo valor, como os de Sotero dos Reis, Freire (de S.Paulo), Soares Passos, Grivet, Pe. Duarte, Gentil Ibirapitanga, Pe. Massa, entretanto se adscreviam ao criterio philologico de então, em que dos factos da língua se divorciavam as doutrinas grammaticaes (MACIEL, 1914 [1910], p.441).

Mais adiante, o gramático menciona a publicação de Júlio Ribeiro, situando-a entre os trabalhos até então desenvolvidos. Além disso, alude a uma geração de estudiosos que passaram a se debruçar sobre o método histórico-comparativo, dentre os quais se destaca Fausto Barreto:

[...]no vetusto arcabouço das doutrinas de então foi Fausto Barreto quem de vez e definitivamente vibrou o golpe de morte, porphyrizando-as por incompatíveis com o grão da nova cultura philologica.

Tornou-se pois Fausto Barreto o centro de onde se irradiaram os delineamentos geraes, o trabalho de synthese das novas aquisições philologicas, adscriptas ao ensino da língua vernácula (MACIEL, 1914 [1910], p. 443)

No que concerne efetivamente ao Programa, Maciel (1914 [1910], p. 443) tece as seguintes considerações:

O que foi este programma, a influencia que exerceu, o effeito que produziu pela orientação que paleava, desviando o álveo do curso das linguas, agitando questões a que se achavam alheios muitos docentes, é mister assegurarmo-lo: assignalou nova época na docencia das linguas e, quanto á vernacula, a

---

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos\\_03.html](https://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_03.html). Acesso em: 27 nov. 2021.

emancipava das retrogradas doutrinas dos autores portugueses que esposávamos.

Com base no fragmento, é possível compreender o impacto da publicação do documento em âmbito educacional, pois promoveu uma ruptura das “retrógradas doutrinas” dos autores portugueses, que até então serviam de base para os gramáticos brasileiros. No entanto, era necessário dispor de material capaz de levar a cabo a proposta de Fausto Barreto e, por esse motivo, foi preciso “[...] escrever suas grammaticas, versada no programma que Fausto Barreto traçara [...] A este programma [...] é que se subordinaram a orientação e a reforma do ensino da lingua vernácula” (MACIEL, 1914 [1910], p. 443).

### **Considerações finais**

O pós-independência foi marcado por uma série de transformações no Brasil, refletidas em diversos setores, entre eles o educacional. Paralelamente, os estudos linguísticos também se desenvolveram, com destaque para as obras orientadas pelos princípios da gramática histórico-comparativa, que rompem com a tradição da gramática geral e filosófica. O marco dessa nova fase de gramatização foi a *Grammatica portugueza*, de Júlio Ribeiro, publicada em 1881, que funda o período chamado científico.

As reformas educacionais, ainda que insuficientes, mantiveram-se em curso e não estavam alheias às mudanças nas concepções de estudo da língua, o que levou à publicação do *Programa de Português para os Estudos Gerais de Preparatórios*, concebido por Fausto Barreto em 1887. Depois dele, o caminho aberto por Júlio Ribeiro foi percorrido por uma série de gramáticos que, seguindo os preceitos do documento, produziram obras na tentativa de preencher as lacunas existentes quanto aos materiais de ensino.

O Programa apresenta uma série de inovações, que vão desde a determinação de realizar o exame de português antes dos demais, até questões mais específicas, como os brasileirismos. Esse tema ganhou força entre os intelectuais da época e se relacionava também ao conceito de dialeto, advindo sobretudo dos estudos de Leite de Vasconcellos e Adolpho Coelho, amplamente difundidos entre os gramáticos brasileiros.

Com relação às obras produzidas posteriormente, nas gramáticas de João Ribeiro e de Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade, localizamos claras referências ao documento, seja sob a forma de notas de rodapé, seja nos títulos dos capítulos, que muito se assemelhavam aos pontos definidos por Fausto Barreto. Um fato que merece destaque é a crítica apresentada

na obra de Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade, relacionada à complexidade de alguns conteúdos contemplados pelo Programa. Isso mostra que nem todos os intelectuais foram unânimes quanto à sua funcionalidade. Por fim, na gramática de Maximino Maciel, encontramos menções relevantes ao texto de Barreto, salientando suas contribuições tanto à gramaticografia quanto ao ensino de português no Brasil.

## Referências

- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2014 [1992].
- AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 4.ed. Brasília: Editora UnB, 1963.
- COELHO, Olga F.; DANNA, Stela Maris D. G. História da língua portuguesa e Historiografia Linguística no Brasil em cinco gramáticas do século XIX. *Confluência*, n. 49, p. 215-235, 2015.
- COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Uma história das ideias linguísticas*. Trad. Jacqueline León e Marli Quadros Leite. São Paulo: Contexto, 2017 [2010].
- FÁVERO, Leonor L. História da disciplina Português na escola brasileira. *Diadorim*, v.6, 2009.
- FÁVERO, Leonor L. Reflexões sobre a escola na primeira república: o ensino de português. *História do Ensino de Línguas no Brasil*, ano 9, n. 9, 1/2015.
- FÁVERO, Leonor L.; MOLINA, Márcia A. G. *As concepções linguísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- GUIMARÃES, Eduardo. Apresentação: Maximino e um pouco de História. *Relatos*, n. 3, 1996. Disponível em: [https://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos\\_03.html#breve](https://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_03.html#breve). Acesso em: 05 nov. 2021.
- MACIEL, Maximino. *Grammatica Descriptiva*. Baseada nas doutrinas modernas. 5.ed. Rio de Janeiro/Paris: Francisco Alves & Cia./Aillaud, Alves & Cia., 1914 [1894, 1910].
- PILETTI, Nelson. *História da Educação no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2006.
- PINTO, Edith. P. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos. 1 – 1820/1920 – Fontes para a teoria e a história*. São Paulo: EDUSP, 1978.
- RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 3.ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves, 1889 [1887].
- RIBEIRO, Júlio. *Grammatica Portugueza*. 2.ed. São Paulo: Teixeira e irmão, 1885 [1881].

RIBEIRO, Júlio. *Procellarias*. São Paulo: Cultura brasileira, [s/d] [1887].

SILVA JÚNIOR, Manuel P. da; ANDRADE, Boaventura P. L. de. *Noções de Grammatica Portugueza de accordo com o programma official para os exames geraes de preparatorios do corrente anno*. Rio de Janeiro: J. G. de Azevedo – Editor, 1887.

STUDART, Guilherme. *Diccionario bio-bibliographico cearense*. Volume Primeiro. Fortaleza: Typo-Lithogaphia a vapor, 1910.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

ZILIO-PASSERINI, Thiago. Polêmicas linguísticas oitocentistas: contradições e contribuições de José de Alencar. *Anais do I CONEIL*. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72033>. Acesso em: 30 nov. 2020.

## EL PROGRAMA DE FAUSTO BARRETO Y LA GRAMMATICOGRAFÍA BRASILEÑA DEL SIGLO XIX

### RESUMEN

El siglo XIX en Brasil estuvo marcado por una serie de transformaciones. En lo que respecta a los estudios lingüísticos, la gramatización se ha consolidado y comienza el período científico, cuya base era histórico-comparativa. Sobre la educación de la época, la escuela secundaria sufrió algunos cambios, y la enseñanza del portugués se convirtió en una preocupación, en respuesta al exceso de horas de latín en el plan de estudios y la forma en que se abordaba la lengua materna. En este escenario, en 1887, se publicó el *Programa de Ensino de Português para os Exames Gerais de Preparatórios*, escrito por Fausto Barreto. Partiendo de esta premisa, este artículo tiene como objetivo analizar las influencias de este documento en la producción gramatical brasileña en el último cuarto del siglo XIX. Para ello, también examina la *Grammatica Portugueza* de João Ribeiro (1889 [1887]), las *Noções de Grammatica Portugueza*, de Pacheco da Silva Júnior y Lameira de Andrade (1887), y la *Grammatica Descriptiva* (1914 [1895]), de Maximino Maciel. Con ello, se pretende resignificarlas en su contexto de producción, según los preceptos de la Historia de las Ideas Lingüísticas (AUROUX, 2014 [1992]; FÁVERO; MOLINA, 2006; COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017 [2010]). Los resultados muestran la gran influencia que ejerció el programa sobre las gramáticas posteriores, desarrolladas por la ausencia de material que cubriera todos los puntos requeridos.

**Palabras clave:** Programa de Fausto Barreto. Gramaticografía brasileña. Enseñanza de portugués. Siglo XIX. Historia de las ideas lingüísticas.